



## TRADIÇÃO MARXISTA E SERVIÇO SOCIAL: interlocução e legado histórico

SILVA, Claudemir Osmar da

**Resumo:** Neste artigo, busca-se inicialmente apresentar um panorama geral sobre a inserção do pensamento marxista no Serviço Social latino-americano, particularmente o brasileiro e, na sequência, discute-se o legado da tradição marxista no processo de renovação da profissão. Com base nessas considerações, busca-se evidenciar as contribuições, limites, avanços e possibilidades que essa interlocução com a produção marxiana e sua tradição, oferece e pode oferecer enquanto subsídios teórico-políticos para o trabalho do/a assistente social.

**Palavras-chave:** Tradição marxista; Legado histórico; Serviço Social brasileiro.

### 1 INTRODUÇÃO

As análises produzidas neste artigo têm suas referências nas reflexões produzidas nas disciplinas de Fundamentos da Pesquisa e Produção do Conhecimento em Serviço Social e Tendências Teórico-Metodológicas do Serviço Social na Contemporaneidade ofertadas pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no primeiro semestre de 2019, as quais possibilitaram a recuperação e problematização teórica dos fundamentos do Serviço Social brasileiro.

Neste trabalho compartilha-se da compreensão de que a análise dos fundamentos pode nos indicar as incorporações, pela profissão, de diferentes matrizes fundamentais de conhecimento sobre a realidade social na particularidade da sociedade burguesa. De início cabe destacar que os fundamentos do Serviço Social se constituem de história, teoria e método. A compreensão desses fundamentos é informada pela perspectiva da totalidade histórica. *“situar o Serviço Social na história é distinto de uma história do Serviço Social reduzida aos muros da profissão”* (IAMAMOTO, 2014, p. 621). Desse modo, história, teoria e método devem constituir pressupostos que perpassam todo o processo formativo da profissão e, desse modo, partimos da compreensão de *“que os fundamentos constituem na matriz explicativa da realidade e da profissão, permeando a interlocução entre o Serviço Social e a sociedade.* (YAZBEK, 2018, p. 47).



Retornar aos fundamentos do Serviço Social brasileiro pode permitir nos aproximar dos avanços importantes que a profissão conquistou, bem como pode nos permitir colocar em perspectiva histórica os subsídios teórico-metodológicos que sustentaram e sustentam o projeto ético-político e assim, adensar suas potencialidades emancipatórias, enfrentar suas contradições e problematizá-las.

Nesse sentido, nos aproximarmos dos caminhos trilhados que levaram o Serviço Social brasileiro à interlocução com a tradição marxista, enquanto matriz explicativa acerca da realidade em seu movimento histórico que acompanham as transformações sociais na particularidade do capitalismo na América Latina. Objetiva-se, portanto, evidenciar as contribuições, limites, avanços e possibilidades que essa interlocução com a produção marxiana e sua tradição, oferece e pode oferecer enquanto subsídios teórico-políticos para o trabalho do/a assistente social.

## **2 A tradição marxista e aproximação do Serviço Social brasileiro**

De acordo com Netto (2017, p. 254), as ideias de Marx e Engels chegam à América Latina no final do século XIX. Momento em que também aparecem grupos socialistas pioneiros entusiasmados por emigrantes europeus, principalmente italianos e espanhóis. Esses grupos, com diferenças ideológicas, são a gênese dos primeiros partidos socialistas particularmente na Argentina (1896), Uruguai (1912) e Chile (1912).

Mas é nos anos de 1920 que será criada a maioria dos partidos comunistas latino-americanos, momento esse que se constituirá a “*década fundacional*” do marxismo na América Latina. A partir de então verifica-se que a difusão do marxismo, bem como a constituição de uma cultura marxista - teórica e política - não se revelam como um processo único e idêntico na América Latina. Esse movimento expressou e expressa as particularidades próprias de um subcontinente desigual em relação às forças produtivas, estruturas de classe e instituições sociopolíticas e com específicas problemáticas étnicas e culturais. (NETTO, 2017).

Apesar de 1920 se constituir na *década fundacional*, ao inscrever as ideias marxistas na cultura latino-americana, isso não foi suficiente para configurar o marxismo nessa cultura como um componente consolidado. Foi entre os anos de 1930 e meados dos anos de 1950, que o marxismo se tornar uma referência relevante no conjunto da cultura latino-americana. No entanto, Netto (2017, p. 260), ressalva que:



[...] essa consolidação do marxismo na cultura latino-americana se opera - e esse é um dos seus traços mais decisivo - quando o processo de stalinização iniciado no final dos anos 1920 na URSS triunfa e, na sequência, pela mediação da Terceira Internacional, equaliza ideológica e politicamente os partidos comunistas latino-americano, enquadrando-os segundo os parâmetros do “marxismo-leninismo” que se tornou a ideologia oficial da era a que Stalin vinculou seu nome e que, nos anos seguintes, constituiria a matriz da *cultura de manual* que seria dominante até a metade dos anos 1950. É sabido que esse “marxismo-leninismo” não passou de uma degradação, vulgar e positivista, do legado de Marx e Engels: frequentemente reduzido a um economicismo barato e/ou a um sociologismo mecanicista, em geral tratou-se de uma codificação escolástica da teoria social dos clássicos, que esterilizou ba parcela dos esforços de mais de uma geração de comunistas. Parte expressiva da produção dos marxistas latino-americano foi domesticada e amesquinhada pelos cânones desse “marxismo-leninismo”, que se tornou uma espécie de senso-comum dos militantes comunistas e que, pelo menos até 1956, orientou a linha política dos partidos latino-americanos.

Isso não significa que dizer que nesse período não houve elaborações teóricas fecundas na cultura latino-americana e que somente triunfou o “marxismo-leninismo”. Netto (2017, p. 261-263) nos aponta diversos intelectuais latino-americanos que registraram significativas contribuições no período de consolidação do marxismo (1930-1950). Mas o “marxismo-leninismo” de raiz stalinista, segundo o autor, só será implodido na América Latina entre a segunda metade dos anos 1950 e inícios dos 1960.

Portanto, é nos anos 1960, segundo Netto (2017), que se registra na América Latina a superação do “marxismo leninismo”. O autor destaca fenômeno próprio desse período, o desenvolvimento de uma relação positiva entre as chamadas ciências sociais acadêmicas e o pensamento marxista, motivado tanto pela abertura da universidade latino-americana às demandas políticas da época, como pelo processo de renovação do marxismo que estava em curso. Nessa década, em âmbito internacional o marxismo institucional entra em colapso provocando uma compreensão ampliada da tradição marxista que engloba a obra marxiana e se configura numa gama diferenciadas. Esse colapso do marxismo institucional acontece em um novo quadro sócio histórico que favorece as condições para um contato diverso entre as chamadas ciências sociais, de origem conservadoras, e a tradição marxista.

Mas para Netto (2017, p. 303) esse fenômeno, resguardada a relevância histórica, decorreu e decorre de forma problemática uma vez que Marx e seu legado são recuperados pelas correntes “críticas” das chamadas ciências sociais de forma diluída, favorecendo a fragmentação do pensamento marxiano em um Marx que é sociólogo para os sociólogos “críticos” e um economista para os economistas “heterodoxos”. Para o autor, foi essa incorporação, ainda que problemática, que favoreceu a interlocução com setores do Serviço Social e a tradição marxista. Mas acredita o autor que esse não foi o principal deflagrador do diálogo entre Serviço Social e a tradição marxista nos anos 1960.



O autor compreende que o diálogo entre setores do Serviço Social e a tradição marxista que se configura naquela década envolveu

[...] diferentes segmentos profissionais (notadamente docentes) em algumas áreas capitalistas desenvolvidas (América Latina), na intercorrência de três fenômenos: a crise do Serviço Social tradicional, a pressão exercida pelos movimentos revolucionários e a rebelião estudantil. A inépcia dos padrões profissionais consagrados pela tradição, bem como de suas referências ideais, em face de processos de precipitação e efervescência sociais emergentes deflagrou um movimento de politização que vinculou os outros dois fenômenos arrolados, redimensionando os influxos que provinham das correntes “críticas” das chamadas ciências sociais. (NETTO, 2017, p. 303).

O resultado desse movimento foi uma aproximação muito peculiar entre setores do Serviço Social à tradição marxista. José Paulo Netto (2017, p. 303) registra três traços interligados que singulariza essa aproximação. Primeiramente, considera que a referida aproximação se realizou sob exigências teóricas muito reduzidas e conduzidas por requisições de natureza ídeo-política de aspecto fortemente instrumental. Em segundo lugar, considera que, conseqüentemente, a referência à tradição marxista configurava-se muito seletiva e determinada mais por perspectivas prático-político e organizacional-partidárias do que pela relevância da possível contribuição crítico-analítica. O terceiro traço destacado pelo autor, considera que *“a aproximação não se deu às fontes marxianas e/ou aos ‘clássicos’ da tradição marxista, mas especialmente a divulgadores e pela via de manuais de qualidades e níveis discutíveis”*. (NETTO, 2017, p. 304).

Nesse sentido, para Netto (2017) o que ocorreu foi uma “aproximação enviesada” de setores do Serviço Social à tradição marxista, sob orientações oriundas de restrições políticas, do ecletismo teórico e do desconhecimento das fontes “clássicas”. Certamente, isso não invalida os aspectos *“positivos e progressista”* contida nesta aproximação ainda que no limite tenha resultado em um acervo de núcleos temáticos do que na incorporação, por parte do Serviço Social, de componentes teórico-metodológicos e crítico-analíticos.

Mas os avanços e equívocos decorrentes dessa “aproximação enviesada” somado à um conjunto de processos externos e internos à profissão, constituirão nos anos mais recentes, uma base mais consistente para recolocar novas possibilidades de interlocução entre setores do Serviço Social e a tradição marxista. No desenvolver do subitem a seguir, será desenvolvido os aspectos que favorecem essa “nova interlocução” e que poderá significar ganhos e acúmulos para o Serviço Social.



## 2 O legado da tradição marxista no processo de renovação do Serviço Social brasileiro

O processo de amadurecimento do Serviço Social brasileiro inicia-se por meio de uma aproximação - *enviesada* - à tradição marxista. Os anos 1960 representaram o início de um processo de reformulação global que se prolongará suscitando um redimensionamento e um amadurecimento ainda em curso da categoria profissional.

A ampla e profunda renovação que o Serviço Social vinha experimentando no Brasil, do ponto de vista da sua autorrepresentação, nos últimos vinte anos, ganhou ritmo e um significado inéditos a partir de finais da década de 1970. Trata-se de um giro notável, cuja evidência mais perceptível é a interlocução com a tradição marxista. Sem prejuízo das modificações que já estavam em andamento, apelando a matrizes teóricas outras, é a interlocução com o pensamento marxista que confere ao Serviço Social no Brasil a sua carta de cidadania intelectual (NETTO, 2013, p. 11-12).

O processo de renovação assinalado por Netto (2017) no excerto acima, se desenvolveu entre 1965 e 1975 e constituiu-se em um fenômeno tipicamente latino-americano que se convencionou chamar de *reconceitualização do Serviço Social*. Enquanto fenômeno sociocultural articulou-se como consequência da crise estrutural que afetou os padrões de dominação sociopolítica vigente na América Latina. Enquanto fenômeno profissional configurou-se com uma resposta possível de setores da categoria profissional diante das fragilidades e falência do Serviço Social tradicional no continente latino-americano em responder às contradições da realidade.

[...] a profissão assume as inquietações e insatisfações deste momento histórico e direciona seus questionamentos ao Serviço Social tradicional através de um amplo movimento, de um processo de revisão global, em diferentes níveis: teórico, metodológico, operativo e político (...) este movimento que surge no Serviço Social na sociedade latino-americana impõe aos assistente sociais a necessidade de construção de um novo projeto comprometido com as demandas das classes subalternas, particularmente expressas em suas mobilizações. É no bojo deste movimento, de questionamentos à profissão, não homogêneos e em conformidade com as realidades de cada país, que a interlocução com o marxismo vai configurar para o Serviço Social latino-americano a apropriação de outra matriz teórica: a teoria social de Marx. Embora esta apropriação se efetive em tortuoso processo (YAZBEK, 2009, p. 148).

Portanto, o questionamento ao referencial que sustentava o Serviço Social tradicional tem início no contexto de mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais que expressam, nos anos 60, as novas configurações que caracterizam a expansão do capitalismo mundial, que impõem à América Latina um estilo de desenvolvimento excludente e subordinado.





Na América Latina, o movimento de reconceituação, que pode ser considerado como “*um marco decisivo do processo de revisão crítica do Serviço Social no continente*” e que explicita uma preocupação de setores da categoria profissional em repensar a estrutura excludente do capitalismo. Para Netto (2017), o referido movimento é parte integrante do processo internacional de erosão do Serviço Social “tradicional”. Esse processo permitiu ao Serviço Social realizar uma revisão crítica dos fundamentos conservadores que lhe servem de explicação e orientação teórico-prática, bem como identificar a necessidade de fundar suas formulações prático-profissionais e teórico-metodológicas.

Na esteira dessa perspectiva, Simionatto (2018, p. 86) afirma que “*o maior legado da experiência reconceitualizadora foi a aproximação da profissão com a perspectiva marxista e a abertura de interlocução com outras áreas do conhecimento*”. Para a autora, as abordagens do marxismo no âmbito do Serviço Social são relativamente recentes se compararmos à história das ideias marxistas. Mas os aportes da tradição marxista, por meio de tendências diversas, favoreceram a revisão das bases conceituais da profissão, seu Projeto ético-político e suas ações prático-operativas.

No Brasil, mesmo com o cerceamento decorrente do Estado ditatorial, as reverberações do movimento latino-americano de reconceituação do Serviço Social não impediram iniciativas como o Método de BH (1972-75), dentre outras iniciativas de inspiração marxista. No final de 1970 e início de 1980 as premissas iniciais do processo de “*intenção de ruptura*” são traçadas pelas as lutas sociais e pelos cursos de pós-graduação. (SIMIONATTO, 2018).

É com o trabalho de Marilda Iamamoto nos 1980 que se demarca a efetiva interlocução das bases da teoria social de Marx com a profissão, com a publicação de seu livro em 1982, *Relações sociais e Serviço Social no Brasil*, por meio do qual busca a apreensão do significado histórico-social do trabalho dos assistentes sociais e sua inserção na sociedade de classes. A interlocução do Serviço Social brasileiro à teoria social de Marx contribuiu fundamentalmente para avanços e acúmulos obtidos no processo de renovação da formação profissional, por meio do Currículo de 1982, dos Códigos de Ética (1986-1993) e das Diretrizes Curriculares de 1996.

Certamente esses avanços e possíveis equívocos decorrentes da aproximação enviesada do Serviço Social brasileiro à tradição marxista somado a um conjunto de determinantes históricos, políticos, culturais, ideológicos e sociais gerados no próprio movimento da sociedade brasileira e da própria profissão, estabelecem na contemporaneidade uma base mais sólida para recolocar a questão da interlocução entre setores do Serviço Social e a tradição marxista. E essa possibilidade de uma “*nova*” interlocução se viabiliza, de acordo com Netto (2017), pela existência, atualmente, de suportes históricos-sociais muito ponderáveis, a saber: as condições de trabalho da categoria



profissional que na sua condição de assalariada e por meio de sua inserção na estrutura sócio ocupacional, tende a se aproximar progressivamente do conjunto das camadas trabalhadoras; a dinâmica cultural da sociedade burguesa contemporânea a tradição marxista se constitui um interlocutor inalienável no debate teórico-cultural na contemporaneidade; a atualidade do processo macroscópico da revolução se coloca sob formas insuspeitas e a erosão revolucionária opera e repõe, a cada emergência, a contemporaneidade da tradição marxista. (NETTO, 2017, p. 305).

Se a linha argumentativa de Netto (2017) referida acima é procedente, a interlocução entre setores do Serviço Social e a tradição marxista deverá aprofundar-se e desse modo, poderá oferecer elementos essenciais para a categoria profissional. Seja para compreender o significado social da profissão na atualidade ao possibilitar clarificar criticamente o sentido, a funcionalidade e os limites do nosso exercício profissional. Seja para iluminar a nossa intervenção socioprofissional e dinamizar a elaboração teórica dos/das assistentes sociais.

## CONSIDERAÇÕES

Sem o contínuo aprofundamento da interlocução entre setores do Serviço Social brasileiro e a tradição marxista, a categoria profissional terá limitadas condições objetivas para captar as possibilidades de ação contidas na realidade social, de analisar a sociedade em sua historicidade, tampouco desvendar o funcionamento do modo de produção e reprodução da sociedade capitalista, suas crises e seus desdobramentos na vida social.

Assim, [...] quanto mais os assistentes sociais forem capazes de explicar e compreender as lógicas que produzem a pobreza e a desigualdade, constitutivas do capitalismo, mais condições terão para intervir, para elaborar respostas profissionais qualificadas do ponto de vista teórico, político, ético e técnico - o conhecimento teórico é a primeira ferramenta do trabalho do assistente social (YAZBEK, 2010, p. 1).

Compreende-se, então, que, para exercer seu trabalho, o assistente social precisa dispor de um conjunto de competências técnicas, teóricas e políticas calcadas em uma ontologia do ser social que se funda na práxis e que tem no trabalho sua gênese. A apropriação contínua e aprofundada do legado marxista poderá desvelar o significado sócio histórico e ídeo-cultural e a funcionalidade dos processos, instituições e práticas sociais e profissionais.



O contínuo aprofundamento da interlocução entre setores do Serviço Social brasileiro e a tradição marxista também poderá contribuir com a superação de persistentes confusões, dentre elas, a ideia por parte de setores da categoria profissional de que o conhecimento teórico, em especial, o que decorre do arcabouço da teoria social de Marx, oferece conhecimentos técnicos para a intervenção profissional, numa perspectiva pragmática que vislumbra a aplicabilidade direta da teoria social de Marx e Engels na prática profissional.

Esse e outros equívocos expressam aspectos de uma reatualização do conservadorismo, no campo profissional e que tem sido favorecida pela precarização na formação em Serviço Social e pela *“fragilização de uma consciência crítica e política, que pode motivar a busca de respostas pragmáticas e irracionais, a incorporação de técnicas aparentemente úteis em um contexto fragmentário e imediatista”* (BARROCO; TERRA, 2012, p. 213).

Portanto, o aprofundamento da interlocução da tradição marxista com setores do Serviço Social brasileiro pode contribuir para enfrentarmos *“deformações, distorções, extravios, derivações, revisões e reducionismos sofridos pelo pensamento de Marx no curto período em que esse diálogo foi incorporado aos conteúdos da formação profissional do assistente social.”* (TAVARES, 2013, p. 09). Sem esse contínuo aprofundamento no diálogo com a tradição marxista, o assistente social corre o risco de perder determinações essenciais da sua prática e fragilizar sua reflexão teórica.





## REFERÊNCIAS

BARROCO, M.L.; TERRA, S.H. **Código de ética do/a assistente social comentado**. São paulo: Cortez, 2012.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro. **Serviço Social & Sociedade**: Formação, trabalho e lutas sociais, São Paulo, n. 120, p. 609-639, out./dez 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.001>>. Acessado em 23 de ago de 2019.

YAZBEK, Maria Carmelita. Fundamentos históricos e teórico-metodológicos e as tendências contemporâneas no Serviço Social. In: **Serviço Social e seus fundamentos**: conhecimento e crítica. Org. Yolanda Guerra... [et al]. Campinas, Papel Social, 2018, p. 47-84.

\_\_\_\_\_. Serviço Social e pobreza. Editorial. **Revista Katálysis**. v. 13, n.2, p. 153-154. UFSC: Florianópolis, jul./dez. 2010.

\_\_\_\_\_. Fundamentos históricos e teórico-metodológico do Serviço Social. In: **Serviço Social. Direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

NETTO, J. P. **Ensaio de um marxista sem repouso**. Seleção, organização e apresentação Marcelo Braz. São Paulo: Cortez, 2017.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social**. Ensaio crítico. Marilda Vilela Iamamoto. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SIMIONATO, I. As abordagens marxistas no estudo dos fundamentos no Serviço Social. In: **Serviço Social e seus fundamentos**: conhecimento e crítica. Org. Yolanda Guerra... [et al]. Campinas, Papel Social, 2018, p. 85-114.

TAVARES, A. T. Marx, marxismos e Serviço Social. **Revista Katálysis**. v. 16, n.1, p. 09-119. UFSC: Florianópolis, jan./jun 2013.